

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 98 — Domingo, 24 de Abril de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

PÁTRIAS IRMÃS

QUANDO estas palavras forem publicadas, deve encontrar-se já em Portugal a distinta personalidade do sr. dr. Café Filho, ilustre presidente da República do Brasil.

Se é sempre motivo de especial interesse e notável regozijo a visita ao nosso país de um chefe de estado de uma nação amiga, o caso presente supera tudo quanto possa imaginar-se, a tal respeito. E' que, tratando-se do Brasil, essa pátria irmã da nossa, para a formação da qual concorreu, de modo tão excepcional, o esforço português, pois é fruto evidente — e o mais dilecto fruto — da nossa gloriosa epopeia, esse regozijo é mais acentuado e o interesse que experimentamos é mais premente.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Passelo ao campo

Num destes calmos, luminosos dias, fui até ao campo. Para ver flores, verdura, distância? Não sei. Talvez; e talvez também para repousar as mãos. Deixá-las um instante quietinhas no regaço, como as aves que um momento — mas um momento só — pousam seu débil fardo de penas nos braços da acácia mimosa.

Assim, estando aparentemente inactiva — aparentemente, porque os meus olhos, como redes oceânicas, largavam até longe — vi aproximar-se um velho, com um carro de mão que chitava seu monótono morse. Falava, fazia caretas, chilreava como os passarinhos. De vez em quando, parava, cuspi nas mãos grossas. E voltava a empurrar o carrinho, a fazer caretas e monices.

Achel aquilo estranho. Enfim, uma pessoa que fala sózinha, que procura iludir a solidão... Lembro-me daquela personagem de Máximo Gorki, que escrevia cartas a si próprio. O homem não é um animal solitário; o homem equilibra-se diante do homem. Só, um homem tenta equilibrar-se perante si mesmo; fala para ouvir uma voz...

Mas o carrinho de mão aproxima-se. Seguro-me ao tronco do eucalipto, e ponho-me de pé. Dentro do carro vem um menino pequeno, um destes seres tão insignificantes, que uma folha de trevo os cobre todos.

— Menininho tão lindo! — digo, baixo. Mas o velho ouve. Torna a parar e a cuspir nas mãos.

— É. É meu neto. Sabe a senhora? Eu trabalho ali na obra. A mãe veio trazer-me o almoço.

— Já comeu? — Já. O almoço dos pobres come-se depressa. Vai então, vim por aí abaixo com ele dentro. Isso é que ele gosta. Quando paro, fica todo zangado.

E' verdade. O menino bate as mãos, impaciente. — Já vai, já vai! — diz-lhe o velho, erguendo os varais. E voltando-se para mim: — Estou morto de cansaço, mas com o menino assim era capaz de dar a volta ao mundo.

Vés, Manueleta? — digo, apertando o braço esquerdo com a mão direita — Vés? Não é preciso recorrer aos contos de fadas, nem a outras invenções. A raiz de ti própria e de teus versos aprofunda-a na vida — e nada abalará tua esperança.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

PORTUGAL de amanhã

Por CARLOS DE RIOBOM

O DESTINO dos povos forja-se, giza-se à luz coada de qualquer gabinete dum verdadeiro, autêntico homem de Estado. Risca-se, projecta-se da mesma forma como o arquitecto traça os planos, as linhas dum moderno edifício a erguer! E essa Obra — que

primeiro foi sonho ténue, chama crepitando num mistério insondável da alma, em pleno cérebro — é tanto mais grandiosa, quanto mais se aproximar, em ante, visão, do tempo e do espaço...

O futuro dos portugueses está indubitavelmente no Continente Negro. E' lá, só lá, que teremos de rasgar virilmente os caboucos dum nova era para o Portugal de amanhã.

Esses alicerces gigantes — essa unidade râmica, espiritual, política, linguística e económica duma pátria prolongando-se do Minho ao Índico — só podem ser erguidos pelo nosso esforço, tenacidade, inteligência e Fé.

A mentalidade, as tendências duma nação, levam por vezes mais que uma ge-

Escola em Vila Real, como meio industrial e comercial que é.

E mais adiante, referindo-se à necessária selecção do pessoal docente: «Mas tenho quase a certeza de que Sousa Coutinho, a quem se deve a criação dessa Escola, saberá mais uma vez pôr acima dos interesses dos políticos os interesses de Vila Real, para que no futuro a Escola honre o seu nome.»

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



CALDAS DE MONCHIQUE — Terras da Francesa

(Óleo do pintor Lyster Franco)

O CONTRASTE DAS PAISAGENS

ALGARVE E ALENTEJO

Por MARGOS ALGARVE

O PINTOR grego Zeuxis, segundo a lenda da antiguidade, foi um mestre na arte de copiar da Natureza os frutos saborosos que ela produzia.

E tão perfeito e realista se mostrou, que os pássaros vinham debicar esses frutos pintados nas telas expostas ao ar livre.

O Naturalismo, em pintura, pertence mais ao passado do que ao presente. Não é, pois, a um modernismo artístico ou convencional que vamos extrair os preceitos que por aí campeiam como modelos de novidade original.

Talvez no cinema é que possamos notar um aperfeiçoamento rápido e progressivo dentro da marcha a que ele galopou nos últimos vinte anos.

Na Europa e na América, o teatro foi desbaratado pelo cinema.

Os comediantes teatrais levam uma vida vegetativa, angustiosa e cruelmente amargurada. E' a lei do progresso na sua expressão mercantil e avassaladora.

No cinema, especialmente, o que mais satisfaz a curiosidade das multidões é o contraste das

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

TEMAS DESPORTIVOS

SOBRE O FUTEBOL-ESPECTÁCULO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

TINHAMOS ficado em saber se o futebol era, de facto, um desporto ou um espectáculo. Por ausência de doutrina, as opiniões sobre este assunto divergem de indivíduo para indivíduo, e só com muito boa vontade poderemos agrupá-las em categorias:

1 — Umase baseiam-se no fenómeno-bilhetear e pretendem que o futebol, sempre que susceptível de arrastar público pagante a um recinto, deve considerar-se espectáculo. E', mais ou menos, a tese do sr. Candido de Oliveira.

2 — Outras opiniões, porém, consideram a bilheteira não suficiente para roubar a categoria de desporto ao futebol. E isto, porque o público paga bilhete por amor clubista, na esperança de ver ganhar o clube eleito, sem atender ao nível técnico e à beleza do espectáculo. O indivíduo pagou, é certo. Porém, sujeitou-se a esse sacrifício sem espírito de espectador.

3 — Entre estas duas po-

sições radicais, (assentes em subjectividades de difícil determinação, como seja o espírito com que cada qual entra num campo de jogos) é fácil descobrir outras opiniões, sobretudo as que, partindo do efeito para de-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

De vez em quando...

NOVAS ESCOLAS

Pelo Prof. TRINDADE E LIMA

VI em jornais da especialidade e disse-me também o «Noticias do Algarve», meu fiel mensageiro, a notícia da criação de escolas em Taipas e Bemposta.

Se o plano do combate ao analfabetismo quer levar a cabo a sua obra, nunca por demais louvada, tem de estabelecer uma tão apertada rede de escolas e postos, que por suas malhas se não escape uma só criança.

A freguesia de Vaqueiros, tinha uma escola na sede da freguesia, que fica na orla da sua vasta área, e tudo o mais era deserto em coisas do ensino. E acrescentemos — em coisas do ensino e em tudo o mais que indique princípios de civilização.

Poucas vezes fui àquela freguesia e nessas não passei dos seus arrabaldes: Vaqueiros e Pão Duro. Tudo o mais é para mim desconhecido. Sei que é vasta, accidentada o seu terreno, perdidos nas pregas da serra os seus povoados, e de costumes primitivos ou quase, os seus habitantes. No tempo em que se consideravam eleitores os que, melhor ou pior, conhecessem as letras, parece-me que para o interior da freguesia só existia um eleitor, não me recordo agora em que monte.

Este voto era disputado como

EXAMES PARA REGENTES DE POSTOS ESCOLARES

REALIZAM-SE, na última quinzena de Junho, exames para regentes de postos escolares. Os interessados devem requerer de 1 a 15 de Maio.

perla de raro valor encerrada em escriptorio precioso.

Por desconhecer a topografia daquela região, não sei se ficam bem ou mal situadas as novas escolas, mas é de presumir que a sua colocação se fundamentasse em justo critério.

Agora um problema se levanta — onde se instalam as novas escolas? Casas que a tal fim se possam adaptar, creio que não será possível encontrar.

Construir edifícios próprios? Depem ficar bastante onerosos, pela colocação lá dos materiais necessários. E levantado o edifício escolar, onde se aloja o mestre? Erro grave, principalmente em meios pequenos, foi não se ter levantado casa para habitação do professor junto do edifício escolar. Ainda agora, alguém que andou por aquela freguesia me contou que em certa noite adregou ir dar a um daqueles perdidos montes e, precisando comer, lá lhe disseram, que azeite não havia, e lhe fizeram, quase por caridade, umas sopsas com batatas e gordura de porco.

E dormida? Por favor, e com sacrifício, lhe deram uma manta e sobre umas palhas adormeceu.

Onde funcionará a escola e onde se alojará o mestre? Problemas que terão de ser resolvidos, e com heróico sacrifício, por aquela a quem coube para lá ir. Será um desterro nimbado de glória. Porém, nós, professores primários, já estamos acostumados a todos e em todos os climas.

Funcionem as escolas, abram-se clareiras de luz, e possa ela alumiar novos caminhos mais fortuneiros.

Silhuetas do meu tempo

O RUPIA

Por FERNANDO MORAIS

DEVE ter sido esta a figura popular mais característica e estimada que na minha terra viveu, porventura, de há uns 40 anos para cá. Donde lhe adveio a alcunha de *Rupia*, nunca cheguei a averiguar; o certo é que o apodo vingou nas sucessivas gerações, e resultou cognome «dinástico» para a sua numerosa descendência. De profissão, era o nosso herói intendente dos esgotos públicos, músico de «pancadaria», nas horas vagas, e *factotum* do teatro local.

Ainda eu era menino de calção e bibe, e já aguardava ansioso a sua passagem pela minha rua, ao ouvir-lhe o estrondoso rufar no tambor, anunciando que havia cinematógrafo. Era quando o saudoso «Teatro Alexandre Herculanu» exhibia as famosas fitas do Polo, Max Linder, Bertini, Mary Pickford, Pina Menichelli e tantos outros astros da pantalha, que encantaram a minha juventude e há muito passaram à história das estrelas apagadas e à poeira dos arquivos das revistas cinéfilas.

Corriam tempos brandos, nesta plácida e bela princeza do Guadiana, senão no tocante a desafogo e facilidades de vida —

que estas só os abastados as conheciam — pelo menos na maneira cordial e, de certo modo, familiar como as gentes se davam por aqui no trato quotidiano, sendo evidente existir uma real solidade.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Deliberações CAMARÁRIAS

SOB a presidência do sr. dr. Alonso Vasques, realizou-se a reunião ordinária da Câmara Municipal, em que se tomaram as seguintes deliberações:

Conceder à Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela o solicitado subsídio de 6.000\$00 para ajuda da construção de dois caminhos públicos com início na Corte de António Martins, dirigindo-se um, com a extensão de dez quilómetros, ao Monte Novo, e o outro, com cerca de oito quilómetros, a Pomar, sendo 3.000\$00 para cada caminho.

Adjudicar a Manuel de Brito a obra de construção de uma fossa para recepção de dejectos do Casino de Monte Gordo, pela quantia de 4.900\$00 e a Mateus Fernandes, a execução dos trabalhos de assentamento de grades na rua Teófilo Braga, no troço entre as ruas Cândido dos Reis e Jacinto José d'Andrade, pela importância de 1.700\$00.

Dar o nome de Pero de Alenquer à rua que, partindo do extremo sul do largo da Igreja, em

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhada de seu filho Jorge Manuel, e netinho, regressou a Lisboa a sr.^a D. Maria da Conceição de Moura Lino e Freire de Medeiros, que passou as festividades da Páscoa na residência de seus cunhados, sr. Manuel Bravo e D. Maria Medeiros Bravo, na Quinta das Cevadeiras, em Cacela.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o sr. eng. José Baptista Borges, que recentemente regressou de África.

Encontra-se em Silves o ilustre escritor e jornalista, sr. Julião Quintinha, nosso distinto comprovinciano e prezado colaborador.

Está nesta vila, de visita a seus pais, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. João Cumbreira Centeno de Sousa.

Encontra-se em missão de serviço na Índia Portuguesa, a bordo do aviso «João de Lisboa», o distinto oficial da Armada, nosso comprovinciano e prezado assinante, sr. tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues.

Regressou de Lisboa, onde foi consultar a medicina, o nosso estimado amigo e assinante, sr. José Caetano Felizardo.

Com pouca demora, esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Mário Antunes Lancha, empregado superior da firma Ramirez, Peres, Cumbreira & C.^a.

Em viagem de negócios, encontra-se em Lisboa, devendo seguir dessa cidade para o Porto, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Pinheiro Júnior.

Encontra-se em Évora, de visita a sua filha, genro e neto, a sr.^a D. Ilda Gomes Augusto, esposa do nosso estimado assinante, sr. Joaquim Augusto.

Encontra-se entre nós o nosso prezado assinante, sr. Sérgio Viegas Belo, que durante algum tempo esteve em tratamento em Lisboa.

Regressou de Lisboa, onde esteve em tratamento, o sr. José António da Silva, funcionário da Alfândega, pai do nosso estimado assinante, sr. António Adelino da Silva.

Regressou à sua casa em Lisboa, acompanhada de seu marido, sr. dr. Ivo Madeira Nobre e com sua filha, a sr.^a dr.^a D. Maria das Dores Medeiros Nobre, filha do nosso estimado amigo e prezado assinante, sr. dr. João Domingues Medeiros, distinto advogado e notário nesta comarca.

Regressou à sua unidade militar, em Sacavém, o nosso estimado amigo sr. José Norberto Pereira Domingues, sargento-miliciano de Artilharia, filho do nosso prezado assinante sr. Norberto Bento Domingues, industrial metalúrgico nesta vila.

Após muitos anos de ausência em Meknès (Marrocos Francês), encontram-se nesta vila, onde vêm fixar residência, as sr.^{as} D. Maria do Carmo, D. Fernanda e D. Emília Alves, filhas do nosso conterrâneo sr. Manuel Alves, falecido em Marrocos, e irmãs do nosso amigo e conterrâneo sr. Gregório Alves, que foi industrial em Meknès e também faleceu em Lisboa.

Seguiu para a Tunísia, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. João Félix da Silva, aonde com o seu bom humor e competência foi dirigir as fabricas de «Les Madragues Tunisiennes».

Nascimento

Em Sevilha, teve o seu bom sucesso, no dia 20 de Março, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Ascension Martin Ortiz Tenório, esposa do nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Francisco Vieira Tenório.

Casamento

No dia 20 do corrente, realizou-se o casamento civil da sr.^a D. Maria do Carmo Almeida Gaspar Patrocínio, filha da sr.^a D. Inês da Conceição Penha de Almeida Patrocínio e do sr. António Gaspar Patrocínio, guarda-fios dos C. T. T. nesta vila, com o sr. Manuel Francisco da Conceição, conceituado comerciante nesta praça, filho da sr.^a D. Maria da Conceição e do sr. Manuel Francisco, já falecido.

Serviram de padrinhos do acto, pela parte da noiva, seu pai e sua tia, sr.^a D. Celeste Gaspar Patrocínio, e por parte do noivo, o sr. Artur Aleixo Horta, funcionário

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Quem nos compra os biqueirões Interessa ao Algarve e em particular a Vila Real de

Santo António, o maior centro de pesca do biqueirão, saber quem nos compra o saboroso aperitivo que se popularizou com a designação de anchovas. Eis quem foram os compradores o ano passado: Angola, 2.713 quilos; Moçambique, 11.875 quilos; Estados Unidos, 2.035.802 quilos; Canadá, 69.576 quilos; Cuba, 3.756 quilos; México, 19.640 quilos; Panamá, 10.660 quilos; Brasil, 78.267 quilos; Colômbia, 3.708 quilos; Perú, 13.696 quilos; Venezuela, 36.472 quilos; União Sul Africana, 18.733 quilos; Rodésia e Niassalândia, 8.183 quilos; Austrália, 42.429 quilos; Egipto, 37.834 quilos; Israel, 33.584 quilos; Japão, 3.925 quilos; Líbano, 12.707 quilos; Síria, 2.046 quilos; Irlanda, 2.213 quilos; Inglaterra, 86.448 quilos; Alemanha, 12.590 quilos; Bélgica-Luxemburgo, 41.303 quilos; França, 2.827 quilos; Grécia, 16.337 quilos; Itália, 22.513 quilos; Holanda, 10.699 quilos; Suécia, 12.844 quilos; Suíça, 120.359 quilos; África Ocidental e Oriental Britânica, 7.173 quilos; Chipre, 8.521 quilos; Malta, 3.871 quilos; Congo Belga, 7.088 quilos; Curaçau, 3.307 quilos; outros países, 16.885 quilos.

Uma receita de atum norte-americana Encontramos, num diário de Nova Iorque, um grande réclamo ao atum marca «Star-Kist», em posta e em pedacinhos, o qual, segundo o anúncio, é preparado por um novo processo que não lhe altera o sabor natural. Cremos que se tratará de atum em salmoura leve. O réclamo é acompanhado da seguinte receita, que oferecemos aos nossos leitores: dois ovos bem batidos, 3/4 de chávena de leite em pó, 1/2 chávena de água, 3/4 de colher de chá de mostarda em pó, uma colher de sopa de cebola picadina, 3/4 de colher de chá de sal, três chávenas de macarrão cozido, chávena e meia de queijo ralado, meia lata de atum (as latas são de 7 onças), marca «Star-Kist». Mistura-se tudo. deita-se numa forma untada de 6x10 legadas e cozinha-se no forno, a lume forte, durante cerca de uma hora, até apresentar uma cor alourada. Depois, corta-se aos quadrados e serve-se com molho ligeiramente picante. Dá para seis pessoas.—J. B.

“Notícias do Algarve”

A excelente revista «Os nossos filhos» teve a amabilidade de transcrever, na íntegra, a secção «Conta-Gotas», da autoria da nossa ilustre colaboradora, sr.^a dr.^a D. Maria Manuela Nunes, publicado num dos nossos últimos números. Agradecemos.

Falecimento

Em 15 do corrente mês, faleceu em Mértola a sr.^a D. Maria da Cruz, de 89 anos, viúva, ali residente. Era mãe das sr.^{as} D. Artemisa Aleixo Martins, D. Carolina Aleixo Simões, D. Lucinda Aleixo Reis e do sr. Custódio Aleixo, e sogra da sr.^a D. Maria Helena Aleixo e dos srs. Manuel António dos Reis, Diogo Martins e António Simões, a quem apresentamos sentidas condolências.

EXAMES

Para exames da 3.^a e 4.^a classe e admissão aos liceus, habilita senhora, na Rua Dr. Sousa Martins, n.º 2—Vila Real de Santo António.

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

do B. N. U. e a sr.^a D. Maria Claudina Pereira.

Os nossos desejos de muitas felicidades.

Doente

Encontra-se incomodado de saúde o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Pedro de Sousa Oliva, piloto-mor, aposentado.

MOTORES DIESEL

4 TEMPOS, ARRANQUE INSTANTANEO A FOGO



OMAIS ECONOMICO PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDUSTRIA

AGENTES GERAIS NO ALGARVE

Emp. de Viação Algarve, Lda.

FARO

PROPRIEDADE

Junto à Estrada Nacional, no sitio de Valcarrangejo, vende-se uma propriedade, de boa terra, abundância de água e arvoredo.

Recebem-se propostas até ao dia 31 de Maio.

Caso não convenham, reserva-se o direito de não entregar.

Tratar com Francisco Ferro, Rua Almirante Cândido Reis, 46 - Tavira.

TAVIRA

Vende-se uma CASA, na Praça da República, composta de rés-do-chão, 1.^o e 2.^o andar.

Nesta redacção se informa.

PROVINCIA

CASTRO MARIM

Acidente ou crime?

Em 14 do corrente, procedeu-se à autópsia da menor Maria Dominga Madeira, de 14 anos, do sitio dos Corujos, freguesia do Azinhal. A vítima faleceu em consequência dum tiro de caçadeira na cabeça, disparado por António Amaro Rodrigues, solteiro, de 18 anos, trabalhador, residente no sitio dos Carvalhidos, o qual alega que a arma se disparou inadvertidamente. O causador do acidente mortal foi remetido a Juízo no tribunal desta comarca.

Desastre mortal de viação

Na vila de Castro Marim, ocorren em 16 do corrente um lamentável desastre, em que perden a vida António da Conceição Alves, solteiro, de 25 anos, daquela vila.

A vítima foi colhida por um camião pesado, que transportava pedra, ao desequilibrar-se da bicicleta que montava, caindo sobre a estrada e sofrendo esmagamento do crânio.

O motorista do camião, João do Nascimento Gabadinho, de Faro, foi preso para averiguação de responsabilidades.

LUZ DE TAVIRA

Casamentos

Na capela de Nossa Senhora do Livramento, celebrou-se, no dia 16 do corrente, o casamento da sr.^a D. Maria Eulália de Mendonça, filha da sr.^a D. Maria Honorato Pacheco e do sr. António de Pacheco de Mendonça, proprietário nesta freguesia, com o sr. José Evangelista Cabeçudo, filho da sr.^a D. Maria Antónia Evangelista, falecida, e do sr. José António Cabeçudo, comerciante. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, as sr.^{as} D. Maria Hilária Estêvão de Mendonça e D. Maria Raquel Viegas Neto, e por parte do noivo, os srs. José Pedro de Freitas e José António Evangelista.

Ao acto assistiram muitos convidados, a quem foi servido na casa do sr. António João Fialho, tio do noivo, um excelente «copo-de-água».

Aos noivos, que fixaram residência nesta localidade, desejamos muitas prosperidades.

Na mesma capela, celebrou-se também o casamento da sr.^a D. Celsaltina das Dores Coelho Xavier, filha da sr.^a D. Maria José Gonçalves Pinto e do sr. Américo Coelho Xavier, proprietário, com o sr. José Irineu de Brito, filho da sr.^a D. Maria Bento Brito e do sr. José Gonçalves Pisco, proprietário.

Paranifaram no acto, por parte da noiva, as sr.^{as} D. Maria Brites Gregório Viegas e D. Maria José Vargues Graça, e por parte do noivo, os srs. António dos Santos Glória e João José Farrobinha Dourado.

O acto foi presidido pelo rev. Padre José Arsénio A'guas, e em seguida foi servido um «copo-de-água» em casa dos pais do noivo. — e.

CENTRAL DO LEITE

COM a assistência dos srs. dr. Manuel Elias Trigo Pereira, Intendente da Pecuária de Faro, dr. Osvaldo Fernandes, delegado da Junta Nacional de Produtos Pecuários em Faro, dr. José Diogo, médico-veterinário municipal deste concelho, e sócios-directores, realizou-se ontem a inauguração das novas instalações da Sociedade Agrícola do Leite, Lda., nesta vila.

Segundo anteriormente noticiadas, ficam sensivelmente melhoradas as condições de inspecção e distribuição de leite aos vendedores e ao público, no novo edificio, podendo a população ali abastecer-se de leite a qualquer hora.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100 %. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

PORTIMÃO

Electrificação

Foi autorizada a Câmara Municipal de Portimão a transferir a importância de Esc. 1.340.000\$00 da verba destinada à indemnização à Aliança Eléctrica do Sul pela central e rede eléctrica do concelho, no empréstimo de Esc. 4.000.000\$00 que fora autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, para a verba destinada a obras de beneficiação da referida central e rede eléctrica do mesmo concelho.

LAGOS

Grémio da Lavoura

A Câmara Municipal de Lagos foi autorizada a vender ao Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, com destino à construção do edificio para sede da mesma instituição, uma parcela de terreno, com a área de 1.496 m², no Rossio de S. João, daquela cidade, pelo preço de 10\$00 cada metro.

Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Afonso Valentim Tébar Kittler, residente em Setúbal, e Jaime dos Reis Marreiros, residente nesta vila, por indicação do nosso prezado assinante, sr. André Roque.

A todos, os nossos agradecimentos.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

Simple troca

Ouve-se, às vezes, falar em «a paz pela força». Quando seria muito mais eficiente e humano dizer-se: «a força pela Paz».

Ante-manhã

É de Pinheiro Chagas, e vem na «Morgadinha de Val Flor»: «Os plebeus, ontem, tinham vaidade; hoje, têm orgulho. Isto que anuncia?» O bom do Pinheiro Chagas! Teve, vagamente, a inspiração de que alguma coisa de grande estava para acontecer. A admito profundamente as pessoas assim. Mesmo que o exprimam com certa dose de ingenuidade. Pronto, conselheiro, façamos as pazes.

Composição com sardinheiras

Enquanto espero no dentista, olho a casa em frente. Casa é força de expressão. E' quase uma ruína. (Até este quase está aqui forçado...) As paredes negras e esburacadas, como depois de um incêndio. As janelas mal compostas. Uns vidros de papel de jornal, uns calxinhos tortos. Qualquer coisa que foi uma varanda, e é agora uma cicatriz horizontal. Desabitada, penso. Mas, firmando-me melhor, descubro ao canto do postigo um vaso esconso com um braço de sardinha fora. A sardinha está corada, cheia de vida. Parece dizer-me adeus. Não, é o vento. Como se agita! Percebo-te bem, amiga. Alguém trata de ti. Alguém vive e sofre nas ruínas. Nas ruínas à margem da vida. Alguém em que é preciso reparar — e amar. A sardinha agita-se. E' o vento. Não, não, é ela a dizer-me adeus.

Maria Manuela Nunes

Papel Vegetal

Vende, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92, Vila Real de Santo António.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 16 a 22 de Abril:

TRAINEIRAS	
Flor do Guadiana	113.520\$00
Briosa	37.340\$00
Flor do Sul	33.010\$00
Briosa	30.570\$00
Tóluiz	30.475\$00
Maria Rosa	27.395\$00
Janita	25.740\$00
Raulito	23.845\$00
Deolinda Rita	21.570\$00
Liberta	18.950\$00
Agadão	18.675\$00
Sr. ^a da Piedade	14.675\$00
Sam Domingos	12.280\$00
Carmela	11.100\$00
Jomanel	8.995\$00
Persistente	7.955\$00
Pérola do Guadiana	6.595\$00
Noroeste	5.665\$00
Infante	4.715\$00
Oeste	3.690\$00
Levante	2.040\$00
Mirita	1.880\$00
Restauração	1.170\$00
Arrifana	900\$00
Costa Azul	880\$00
Tufão	760\$00
Total	464.390\$00

CERCOS	
Cruzeiro	11.040\$00
Novo S. José	3.870\$00
Total	14.910\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 16 a 22 de Abril:

Entrados:
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
SONNECK, Alemão, de 1299 ton., de Nantes, com folha de flandres.
CROSBIAN, Inglês, de 1518 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
Saídos:
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
LAUPEN, Suíço, com amêndoa e conservas, para Génova, Marselha, Líbano, Matadi, Costa de Ouro, Freetown e Lagos (Nigéria). Deixou 50 barris de alcáparas procedentes de Alicante.
SÃO MACÁRIO, Português, com minério, para Lisboa.
CROSBIAN, Inglês, com alfarroba e conservas, para Liverpool.
SONNECK, Alemão, com alfarroba, cortiça e conservas, para Hamburgo.
ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 23 a 29 de Abril, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Vida Religiosa

APROVEITANDO o «Dia da Paróquia», que hoje decorre, e em colaboração com a Conferência de S. Vicente de Paulo desta vila, tenciona o rev. pároco desta freguesia, Prior Galhardo Palmeira, lançar à consciência dos católicos locais a Campanha pelo Patri-mónio dos Pobres, para a construção de moradias destinadas aos necessitados, obra iniciada pelo conhecido Padre Américo e que tem frutificado já em muitas localidades do País.

Das circulares que vão ser distribuídas, extrairmos as seguintes passagens:

«A campanha consiste, em síntese, na construção de moradias, que serão oferecidas em usufruto às famílias pobres sem habitação conveniente, ficando em propriedade a pertencer à Paróquia. Não são barrros de casas económicas, pois não haverá pagamento de renda, sendo absolutamente gratuitas.»

«Em pouco tempo, a campanha lançada pelo Padre Américo tomou um incremento prodigioso. Só este benemérito sacerdote já construiu casas no valor superior a 3.000 contos, e isto em pouquíssimos anos!»

E quanto à nossa vila, exorta-se: «...desejamos que a nossa freguesia enfileire também entre as primeiras do Algarve», onde vão ser construídas as primeiras moradias para pobres. «As primeiras duas casas vão ser oferecidas no próximo Natal deste ano. Está já comprado o terreno, no valor de 6 contos, devendo cada moradia ficar por 20 contos.»

Já se encontra nesta vila, em casa da sr.^a D. Ana Navarro de Cumbreira, uma valiosa e artística custódia-ostensório, com guarnições de pedras preciosas, que esta piedosa senhora tenciona oferecer à nossa Igreja Paroquial, em cumprimento dum voto.

Atenção

O proprietário do Café Restaurante «JANELAS VERDES» participa à sua vasta clientela, de Vila Real e de todo o Algarve, que já vende **CERVEJA DE BARRIL.**

AS MAIS VARIADAS TAPAS HÁ SEMPRE MARISCOS

LUÍS FÉLIX

O CONTRASTE DAS PAISAGENS

ALGARVE E ALENTEJO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

paisagens, a nudez das figuras e o luxo dos aposentos.

O teatro, dentro da cenografia das lonas, nunca nos deu a fotografia exacta das paisagens, dos monumentos e dos próprios seres que vivem nesse ambiente de amor, arte, fantasia e sedução. Ingrid Bergman e Silvana Mangano, por exemplo, trabalhando no palco dum teatro ficariam muito aquém das suas possibilidades artísticas e sentimentais.

A paisagem humana é tão movida e instável como a paisagem marítima. Os seus reflexos multicolores, como panos de fundo, são tentáculos que prendem o coração dos homens com força magnética...

Vivo em uma terra algarvia que, em idos tempos, era fechada por altas muralhas que a defendiam das investidas dos moiros. Dessas muralhas, felizmente, restam apenas uns nomes vagos, diluídos em placas de mármore, artisticamente trabalhadas.

Cândido Guerreiro, o apurado esteta das pombas mansas, dos dromedários, das palmeiras, das amendoeiras floridas e das moiras encantadas, diz em um dos seus esculturais sonetos:

Minha terra embalada pelas ondas,
Lindo país de moiras encantadas,
Onde o amor tece lendas e onde
[as fadas
Em castelos de lua dançam rondas.

Ao pé dos meus, na minha aldeia
[querida,
A morte será quase uma ventura,
A morte será quase como a vida...

Grande sonhador da Arte e da Estética! Admirável cinzelador de tudo que era belo e iluminado por uma ancestralidade que, nascida em Alte, encheu todo o Algarve dum frémito de renovação patriótica...

Um seu discípulo, natural de Silves, chamou a si o sagrado dever de expandir as ideias do Mestre, estilizadas nesta formosa quadra:

Altos muros de Fez, altas ameias,
Mordendo as núvens de ouro, em
[ameaça,
Guardando o sono antigo dum
[raça
Cujo sangue palpita em minhas
[veias.

Desta fusão plerômicamente artística, todo o Algarve veio auferir do seu benéfico resultado.

Eu próprio, cansado de trabalhar, lancei-me também nesta cruzada bendita de agitar o povo e emancipá-lo do marasmo em que tem vivido.

Caminhei, recentemente, para o Alto Alentejo e ali mesmo, em vilas e aldeias, iniciei o pouco que aprendi com o discípulo de Cândido Guerreiro — que Deus conserve na sua divina presença.

O Alentejo, como o Algarve, é um vasto campo de gente ansiosa por conhecer os segredos das imagens, dos quadros, dos apóstolos e das divindades.

O povo será sempre o eterno caminhar do Belo, sobretudo quando surpreendeu na rota da vida estes missionários do Evangelho!

Respirei, ali próximo de Montemor-o-Novo, no centro dum aldeia risonha e tranqüila, uma convivência simples e familiar, uma serena vida de contemplação. Ciborro é o seu nome e ali nasceu um menino ao qual me prende a voz do sangue — o meu primeiro bisneto. Com sacrifício da minha saúde, quis conhecê-lo. Um amigo facultou-me o seu carro, um destes carros modernos em que se viaja comodamente, demais a mais, quando o volante vai seguro por duas mãos impregnadas de destreza e prudência. Todavia, existem dois imponderáveis que eu nunca desejei ter — um automóvel de luxo e a sorte grande do Natal! Seriam para mim dois motivos de loucura mansa, perigosos, inconstantes, invejados. Sem eles, a minha vida não se altera nem sofre os abalos de me aborrecer da velhice. Os velhos, com um bom carro e a algebeira a abarrotar de dinheiro, são capazes de cometer travessuras e disparates que, inopinadamente, os arremessam para a cadeia ou para a cova...

O Alentejo tem para mim a poesia do silêncio e a ternura da paisagem. São dois privilégios que se renovam todas as manhãs, e se repetem todas as noites.

O silêncio e a paisagem é que serviram de formação moral aos seus poetas e prosadores. Mas, sem ser alentejano, também ali se formou o delicado artista Celestino David, que amou e sentiu a grandeza dos montados, dos rebanhos e das aves de arribação.

A sua musa de tons de safira cantou o sangue das árvores que

se despedem da cortiça, e das outras que nos fornecem o azeite loiro, para regalo do paladar e da velha candeia que alumia a cabana do pobre...

O Alentejo é um celeiro opulento de pão, carne e legumes; das entranhas das suas veigas brotam anualmente os bilhões incontáveis de grãos de trigo que saíam a vontade de comer a tantos inuteis que desconhecem o suor, o sangue e as lágrimas que eles representam na sua obscuridade rústica...

Nada me faltou no Alentejo, nos dias que ali passei. Da família e das pessoas amigas com quem privei, tenho que as lembrar até ao resto da minha vida. Nada me foi estranho — a não ser a falta do Mar, com o seu murmúrio contínuo e o seu aroma tonificante.

Cheguei a casa e fui ler, com íntima satisfação, a bíblia dum açoriano. Os açorianos são como os algarvios — adoram a melodia das vagas e a luz fantástica das ondas.

Desde novo que devo a Antero de Quental a atracção que ao seu nome me prendeu:

Vozes do mar, das árvores, do
[vento!
Quantas vezes, num sonho dolo-
[roso,
Me embala o vosso canto pode-
[roso,
Eu julgo igual ao meu vosso tor-
[mento...

E não me esqueço também de que ele foi o auzad companheiro desse simpático e donjuanesco Joaquim de Almeida Negreão, na sua viagem à América do Norte, em que os dois e a tripulação do pequeno navio, apanhados por um ciclone, iam sendo amortalhados na insondável sepultura do Oceano...

Antero embarcou para substituir João de Deus na sua falta da última hora, mal ouviu os primeiros rugidos do Oceano!

João de Deus era um tímido, e nasceu distante dos mares e das tempestades, olhos fitos na pureza do seu nome e na suavidade do Infinito...

Os poetas alentejanos embalarão-me durante horas, mas a minha ancestralidade marítima borbulhava no seu ritmo dramático. Lanço mão de «O Meu Algarve», e João Lúcio surge-me de pé, com o seu rosto alegre e a sua mocidade feliz:

Província onde nasci, amada do
[luz
E do sol ruidoso, ardente, imor-
[redolito...
Lírio fresco e azul deitado à beir-
[ra-mar,
Com o cálix gentil a orvalhar-se
[em oiro...

Nesse canto imortal de todo o
[Universo,
De floresta, de sóis, mares e cor-
[dilheiras,
Tu és, unicamente, um perfumado
[verso,
Feito em luar dormente, azul e
[laranjeiras.

João Lúcio trouxe dentro de si o vigor dum algarvio e a arte dum alentejano, mistura de sangue que lhe deu aquela expressão, firme e suave, que foi o mágico encanto de todas as mulheres que o conheceram de perto.

Dessa policromia herdada do pai e da mãe — tronco directo transmitido pela ilustre família Pousão, — é que do poeta algarvio e alentejano emanou o fulgor dos seus versos e a superabundância dos adjectivos.

«A Paixão da Cor», dedicada a Manuel Teixeira Gomes, é uma composição de vinte quadras de alexandrinos vibrantes e sensuais, em que a volúpia do poeta olhanense se irmana com a do prosador portimonense. O começo dessa composição extensa é este:

A Cor, filha da Luz, é uma língua
[em tons
Que fala, sem rumor, à curva da
[retina...
Como há para o ouvido a palavra
[e os sons,
Nasceu para o olhar esta harmo-
[nia fina.

Teixeira Gomes e João Lúcio são os dois melhores coloristas do Algarve — um na prosa e outro no verso. Para os que adoram esta província, dum clima sem rival e dum mar sem crispações, «O Meu Algarve» e «O Agosto Azul», são dois livros preciosos, cuja leitura convém repetir de tempos a tempos, por cima do espesso materialismo, que enerva, por vezes, a flor da mocidade actual...

Por detrás desta neblina carregada de vapores neftícos, desponta uma suave evolução de estética contemporânea de superior alcance, que a todos alenta e



DESPORTO

Campeonato Nacional COLUMBOFILIA

III DIVISÃO

S. F. E BENFICA, 1 - LUSITANO, 0

Primeiro tempo: 0-0.

Árbitro: Francisco Guiomar.

S. F. e Benfica: Filhó; Matos e Américo; Otilio, Ferreira e Cruz; Ramires, Manuelito, Virgolino, Herculano e Jalo.

Lusitano: Balbino; Ramires e Antero; Fernando, Pescada e Daniel; Almeida, Raimundo, Marcos, Parra e Lima.

Marcador: Virgolino.

O Lusitano cumpriu mais uma jornada, a penúltima, já sem aspirações e sendo forçado a formação de emergência, devido a castigos de alguns titulares, exibindo-se com vontade, mas denunciando desentendimento, o que lhe custou ter de aceitar uma derrota, infligida por adversário de menor valia, que na primeira volta havia sido copiosamente derrotado.

Exercendo leve ascendente sobre o antagonista, os visitantes não souberam, todavia, concretizá-lo, por falta de serenidade frente às redes contrárias, e, ainda, pelo vigor dos defensores contrários, que se bateram com muita autoridade, proporcionando à sua turma a escassa vantagem de um tento, com que triunfaram meritóriadamente. Arbitragem regular.

Outros resultados:

Moura-Despertar 1-2

S. Domingos-Silves 1-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Silves	9	6	3	—	22	8
S. Domingos	9	5	2	2	26	11
Despertar	9	4	2	3	19	18
Moura	9	4	1	4	17	21
LUSITANO	9	2	1	6	19	16
S. F. Benfica	9	1	1	7	11	40

Jogos para hoje:

LUSITANO - MOURA
SILVES - S. FARO E BENFICA
DESPERTAR - S. DOMINGOS

ÓQUEI E BASQUETEBOL

Hoje, às 17,30 horas, realiza-se um encontro de Óquei em Patins, no Parque de Instrução dos Bombeiros, entre os grupos locais «Associação Académica» e «Flor de Lis».

No mesmo recinto e às 18,30 horas, haverá um encontro de Basquetebol, em que se defrontam os grupos Clube Desportivo «Os Olhanenses» e o «Flor de Lis» local.

TRESPASSA-SE

Ou arrenda-se estabelecimento comercial, nesta vila, com toda a existência, muito bem situado, com dependência anexa para contra-loja ou qualquer ramo de comércio. Informa: João Inácio Pato, Rua Dr. Miguel Bombarda, 58.

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre
BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL
SÓ NA ANTIGA CASA
RAMOS & MATEUS
R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Visado pela Comissão de Censura

atraí com o seu poder galvanizador. Neste período de emoções profundas e descrenças abstractas, em que o determinismo da guerra paira sobre nós como um espectro maldito, convém elevar a alma, com serenidade e esperança, até aos cumes do firmamento, para junto desse imortal Salvador que a todos acudirá na hora suprema dos sacrifícios!...
Marcos Algarve

COLUMBOFILIA

Continuando a disputa do campeonato de 1955, realizou o G. C. Guadiana o concurso de Santarém, do qual foram apurados os seguintes resultados:

Santarém: 252 km.; pombos encastados 130; média 1,023,720 metros por minuto.

António Vicente, 1, 8, 9 e 16; António Vargas, 2 e 3; dr. Manuel Vargas, 4, 5, 10, 18, 19, 20, 21 e 26; Manuel Forra, 6; João Parreira, 7; Manuel Custódio, 11 e 17; João A. Pereira Leal, 12; João A. Carmo Oeiras, 13, 14, 22 e 25; Amândio S. Joaquim, 15; João Alexandre, 23 e 24.

A posição actual dos concorrentes no campeonato é a seguinte:

1.º António Vicente, 182 pontos; 2.º dr. Manuel Vargas, 123 pontos; 3.º J. António Carmo Oeiras, 113 pontos; 4.º Isidoro da Palma, 102 pontos; 5.º J. Branquinho, 101 pontos; 6.º Manuel Custódio, 92 pontos; 7.º Gervásio Estêvão, 90 pontos; 8.º João Parreira, 88 pontos; 9.º André Roque, 85 pontos; 10.º António Vargas, 83 pontos; 11.º Amândio Joaquim, 77 pontos; 12.º Manuel Forra, 60 pontos; 13.º João Alexandre, 39 pontos; 14.º João A. Pereira Leal, 27 pontos; 15.º Jacob Ribeiro, 21 pontos; 16.º Manuel Patrocínio, 9 pontos; 17.º Luiz Currito, 6 pontos.

BILHETE DE IDENTIDADE

Legionário n.º 24057

Pede-se a quem o encontrar, que faça a sua entrega no Quartel desta vila.

O mesmo bilhete é do Legionário, sr. Diamantino Dias.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

O Doutor José Xavier da Silva Cavaco, Presidente da Comissão de Assistência Judiciária desta comarca:

Faz saber que correm éditos de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a requerida Maria da Conceição Soares, doméstica, ausente em parte incerta e cuja última residência conhecida foi no sitio das Hortas, desta comarca, para, no prazo de cinco dias, posterior ao termo dos éditos, contestar, querendo, o Pedido de Assistência Judiciária que, na respectiva comissão desta comarca, contra a citada, fez seu marido, Sezinando Martins Estêvão, trabalhador, residente nesta vila, para o efeito de intentar Acção Ordinária de Divórcio Litigioso.

Vila Real de Santo António, 18 de Abril de 1955.

O Presidente,
a) José Xavier da Silva Cavaco
O Chefe da Secção,
a) António Figueiras da Cruz

TEMAS DESPORTIVOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

finir a causa, declaram que o futebol-espectáculo é todo aquele praticado por jogadores profissionais. Isto equivale à inversão dos dados do problema, mas, em todo o caso, constitui uma maneira de ver tão respeitável como qualquer outra.

Quando a nós, só o público poderá resolver esta questão. Ele é que manda. Só ele poderá dizer se paga para ver espectáculo ou para palmejar o clube favorito.

No primeiro caso, não há dúvida de que o atleta constitui o factor fundamental a contribuir para a receita. Porém, no segundo caso, a popularidade do clube prepondera, porque... a ele se deve o arrastamento das massas que motivaram os êxitos de bilheteira. O fenómeno passa a ser puramente desportivo, provocado por uma paixão clubista que desconhece sacrifícios.

Estamos em crer que, na maioria dos casos, ao público interessa somente a vitória de determinado clube. Não se trata dum massa espectadora disposta a premiar a beleza dum espectáculo. O que se nota todos os domingos, enchendo o peão à cunha, é a existência de dois partidos apaixonados, loucos de entusiasmo, cegos a todas as irregularidades de que possam beneficiar.

A personalidade do clube é que vive nesses momentos. O jogador não conta. Quanto ao espectáculo, ninguém se lembra dele, posto que o objectivo é vencer, de qualquer forma, furar as redes do adversário, mesmo por penalidade que nunca existiu. Nem assim as turbas desmandadas deixarão de agitar bandeiras e lançar gritos de vitória!

Poderá chamar-se espectáculo à causa que produz um tal efeito?

O comportamento das massas garante-nos que se trata dum desporto, formidavelmente popularizado pela imprensa, pela rádio e por todos os géneros de propaganda, de modo a torná-lo susceptível de permitir receitas astronómicas aos clubes grandes, com prejuizo de outros clubes de menor massa associativa e menores recursos propagandísticos. A compra e venda de jogadores ajudou a essa obra, porque... reduziu as duas dúzias as equipas fortes, e pôs nas ruas da amargura todas as demais.

Hoje, nota-se mesmo a tendência de certos clubes para, levados pelo interesse de dirigentes menos sinceros, se transformarem em autênticas empresas!!

Foi por termos visto esse facto que, vai para 4 anos, escrevemos na imprensa da capital — (veja-se «Mundo Desportivo», n.º 990 de 8 de Setembro de 1951):

«Os que aspiram a um próxi-

mo regime de profissionalismo no futebol, visam os fins sem lhes importar os meios e, no entusiasmo de alcançarem uma almejada razão, chegam a atribuir os «lucros» dos clubes ao «trabalho» dos jogadores!

Aceitemos, por momentos, esta tese, isto é, admitamos uma série de coisas repugnantes, para as discutirmos seguidamente. E' o jogador o unico contribuinte da prosperidade dos clubes?

Vejam: Se o jogador, dando trabalho, tem direito a salário, o sócio, dando capital, tem direito a juro. A luz da ciência económica, o lucro da bilheteira é função de capital e trabalho.

Não é verdadeiro que os lucros pertençam só ao jogador. Os capitais, aplicados mês a mês por milhares de indivíduos, também são susceptíveis dum maior valia, isto, evidentemente, considerando o futebol um espectáculo e o clube um empresário, como parece pretendem.

Este tema fornece um novo argumento para a tese que nos propusemos defender: Em face da organização dos clubes, o futebol não pode ser um espectáculo, porque... é impossível distinguir um empresário.

Por isso, no artigo que atrás começámos a transcrever, dizia:

«O ideal supremo de todo o bom português deve consistir na moralização e desenvolvimento físico do povo. Em face disto, é injusto se fale em «espectáculos», em «trabalho» de jogadores, em «empresas», em «cifras impressionantes», em «profissionalismo», em «profissões afins»...

Os clubes não podem ser empresas, porque a isso se opõe o sentimento da Nação e o próprio Código Comercial (art.º 104).

O futebol não pode ser espectáculo explorado, porque uma tal exploração é considerada acto comercial (art.º 230 do mesmo código)».

O ambiente do futebol não mudou! Notam-se ainda activos os mesmos dirigentes, na luta de o adulterarem. Alei continuou a não se cumprir. O estatuto do jogador profissional mantém-se um sonho de pé, com fortes perspectivas de realização...

Daí, o fecho do artigo de há quatro anos põe-se ainda da mesma maneira, em relação aos coveiros do desporto português:

«Enquanto eles propagandizam a nova ordem, vão também quinhoando, mentalmente, as «cifras impressionantes», e prometendo, uns aos outros, os lugares vagos do novo quadro das profissões afins. Não o afirmo, mas é natural assim seja.

O alto monte de escudos — tesouro sonhado das mil e uma noites — há-de sair, em grande parte, dos bolsos um tanto exauridos do povo — esse povo ingénua a quem prometeram um melhor espectáculo para melhor lhe tirarem a camisa!»

J. Silva Carvalho


CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o grandioso filme em ténicolor, Os dez da Legião, com Burt Lancaster, Jody Lawrence e milhares de figurantes, e a maior aventura dos heróis do deserto.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 28, exhibe uma comédia italiana, O professor divertido, com Walter Chiari, Anna Maria Ferrero e Carlo Campanini.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).


JOAQUIM COELHO
NEGOCIANTE DE SUCATAS
Vende Gamas de ferro, em bom estado, Fogões grandes, a lenha, e toda a qualidade de sucata de ferro. Também compra.
Telefone 119 (Particular)
Rua Jacinto José d'Andrade, 86 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

ração a transformarem-se. Urge, pois, desde já reformar as bases do ensino no sentido de incutirmos—desde os primeiros passos—o amor à África. Há que fazer passar pelos olhos deslumbrados das crianças, graças ao cinema, a beleza selvagem das florestas, o caudal impetuoso do Zaire, Zambeze, Cuanza, do Limpopo e do Rovuma; a polí-cromia maravilhosa da sua flora, o enigma apaixonante das noites tropicais—fazer deslizar pela sua vista aquilo que mais os atrai: toda a gama infundável de passarada lembrando o arco-iris; a bicharada: leões, elefantes, leopardos, zebras, girafas, crocodilos e macacada...

Em seguida, temos que lhe dar conhecimentos gerais sobre os costumes, raças e hábitos dos nativos. É finalmente, a partir do liceu, criar cadeiras focando todas as noções elementares, vitais; a fim de os levar a cumprir no futuro, consciente, nobremente, a Grande Missão.

Para os alunos dessas cadeiras: economia, medicina, agronomia tropicais; aliadas a noções de política administrativa — deveriam organizar-se frequentes e instrutivas excursões à nossa África Portentosa — as quais seriam da competência contratual das duas companhias de Navegação — no seu manifesto interesse.

E' que só se pode amar aquilo que compreendemos e conhecemos...

Temos, pois, de dar realidade, corpo, vida, a uma «expressão vaga», quase lendária: que só meramente sabemos existir pelos compêndios geográficos; pelas raras colunas que os jornais lhe dedicam: «pedidos de casamento» e, os anúncios das próximas saídas dos barcos...

E' triste, mas é dolorosamente assim.

Modelemos um futuro melhor, um nível de vida mais elevado. Preparemos mais trabalho para todos. Fundemos o Novo Portugal do Continente Negro — o Portugal de Amanhã.

Façamos viver uma gloriosa Epopeia às gerações que chegam.

Temos o dever sagrado de garantir uma ocupação, tanto aos jovens que saem das Escolas Técnicas e Universidades — como a todos os portugueses sem excepção.

Ajudemos, portanto, a construir o Novo Mundo que se avizinha:

— Mais justo, mais belo...

Carlos de Rlobom

Deliberações Camarárias

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Monte Gordo, vai em direcção à Mata Nacional, no sentido norte, arruamento que ainda não tinha nome.

Que à Santa Casa da Misericórdia desta vila se passe a cobrar o fornecimento da energia eléctrica apenas pelo preço do seu custo, que é, presentemente, de 1\$25 por quilovatio.

Adquirir um motor «Lister» Diesel para a central eléctrica de Monte Gordo, pelo preço de 89.500\$00.

Abriu concurso público para a adjudicação da obra de construção da Avenida da República — 2.ª fase —, fixando para o dia 10 do próximo mês de Maio, pelas 15 horas, a abertura das propostas.

Atribuir e pagar a João da Rosa Justo a indemnização de 4.000\$00 por prejuízos causados em arvôres, frutos, seara e muro de vedação, na propriedade que o mesmo possui, marginante com o Cami-

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

ANO II N.º 98 DOMINGO 24 - Abril - 1955 Director João A. Dias Pena Editor e Proprietário Armando R. Cruz

A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Mutatis mutandis, estas antigas afirmações do ilustre deputado pelo Algarve continuam a ser actuais.

«No Algarve, as indústrias de pesca e de conservas de sardinha estão atravessando uma crise gravíssima, de consequências dolorosas.»

«Ao passarem nesta vila, a caminho de Sevilha para a Semana Santa, os estudantes do Liceu Passos Manuel, de Lisboa, foi-lhes oferecido pelo sr. dr. Emigdio Lima um almoço servido na sala do Clube Democrático, o qual decorreu com muita animação.»

O sr. comandante Jayme do Inso (capitão deste porto), em sugestiva reportagem fantasista de antecipação sobre o ano de 1950, noticiava a chegada à nossa terra, tornada cidade importante, do Sultão de Marrocos, Abu-Abdalah com grande comitiva, tendo-lhe sido oferecido um banquete oficial de recepção na sumptuosa sala de jantar do Grande Hotel Guadiana.

«Numa subscrição aberta para a compra de material de socorro destinado aos nossos Bombeiros Voluntários, apenas subscreveu meia dúzia de pessoas. Não se tratava dum leilão elegante...»

Soma... e segue, e até para a semana.

Cine-Clube de Vila Real de Santo António

UMA ENTREVISTA com Sebastião Dias Santos Silva

MEMBRO DA COMISSÃO ORGANIZADORA

SEBASTIÃO Dias Santos Silva é um jovem que não se conforma facilmente com o marasmo a que as actividades culturais da nossa provincia já se acostumaram. Foi ele quem conseguiu fazer o cine-clube dar os seus primeiros passos. E' ele, portanto, quem agora nos vai dizer algumas coisas que reputamos oportuno dar a conhecer aos leitores.

Como membro da Comissão Organizadora, pode dizer-nos se está satisfeito com esta primeira parte da organização do vosso cine-clube?

«Como é natural, estou muito satisfeito com o bom acolhimento que a população local dispensou à nossa iniciativa. Isso permitiu-nos organizar a 1.ª sessão, após dois curtos meses de trabalhos, angariando sócios, entrando em contacto com os principais clubes do País, marcando o filme, tratando da cedência da sala de espectáculos, vencendo um sem-número de dificuldades, que só podem ser avaliadas por quem está dentro destas coisas. Para o êxito que conseguimos foi de capital importância o apoio que nos deu o «Noticias do Algarve», chamando

a atenção do público para a iniciativa, assim como a boa vontade das entidades oficiais.

Proseguindo, Sebastião Silva, após uma breve pausa, diz-nos:

«Ainda é cedo para recolher os frutos da nossa actividade, cujas linhas gerais apenas estamos a estudar. Agora que Vila Real de Santo António deu o exemplo, é natural que apareçam no Algarve outros cine-clubes, engrandecendo um movimento que não deixará de se reflectir não só no nível cultural do nosso povo, como também na própria qualidade do nosso cinema. A nossa missão é formar espectadores conscientes da existência do Cinema como Arte e como Linguagem. Empregaremos todos os meios que estiverem ao nosso alcance para fomentar a elevação do gosto e da cultura dos nossos associados. Quando o conseguirmos, mas só quando o conseguirmos, estaremos verdadeiramente satisfeitos. Até lá, ainda falta fazer muita coisa.

«Quantos associados possui já o vosso cine-clube?»

«Presentemente, contamos com cerca de 450, estando cancelada a admissão de novos sócios, em virtude de estar quase completa

a lotação do Cine-Foz. Apenas podemos fazer excepção para os novos sócios que queiram ocupar os seus lugares nas três primeiras filas da platéia.

«A falta de uma cinemateca nacional em funcionamento está a limitar bastante a actividade dos cine-clubes. Mas, diga-nos, não pensam utilizar as pequenas filmotecas das Embaixadas estrangeiras?»

«Na nossa primeira sessão, exibimos três interessantes documentários gentilmente cedidos pelo Instituto Britânico. Mas isso só por si não nos satisfaz. Gostaríamos de revelar as obras completas de famosos documentaristas ingleses, franceses, italianos e americanos, e isso é impossível dispondo apenas das filmotecas estrangeiras. A Cinemateca Nacional faz-nos muita falta. Sem o seu apoio, as actividades dos cine-clubes estarão sempre privadas do conhecimento de certas obras que, por diversos motivos, não têm exploração comercial. Vai realizar-se um «Encontro» de dirigentes dos cine-clubes do País, onde este problema será debatido, e talvez possamos encontrar o caminho para uma solução que nos conduza a melhores dias. Quanto ao 16 mm...

O nosso entrevistado parece hesitar e suspeitamos de que se trata de uma novidade importante. De facto, não nos enganamos:

«... vamos comprar um projector...»

«Mas isso é formidável! — interrompemos.

«Sim, irá permitir-nos uma actividade muito maior, exibindo com regularidade sessões com os filmes das cinematecas estrangeiras, e ainda com as curtas-metragens antigas da Pathé-Baby.

«Que outras iniciativas pensam levar a cabo?»

«Além das sessões ordinárias, que por enquanto serão apenas mensais, devido aos encargos resultantes da compra do projector sonoro de 16 mm., vamos em primeiro lugar instalar o nosso cine-clube numa sede condigna, onde os sócios poderão dispor de uma biblioteca e de sala de leitura.

Dentro dos meses mais próximos, organizaremos a nossa primeira sessão infantil, que será dedicada às crianças do concelho, com filmes adequados ao seu gosto e à sua mentalidade. Por outro lado, editaremos programas especiais recomendando aos nossos associados todos os filmes de alto nível artístico, que por vezes passam despercebidos ao nosso publico.

«Apreciamos bastante, na nossa primeira sessão, as palavras de Roberto Nobre e de Alfredo Margarido, em especial, a primeira. Pena foi que o microfone não permitisse uma boa audição na sala. Deve saber, por certo, que muitos sócios estiveram mais preocupados com outras coisas...»

«Pensamos resolver essa dificuldade, nas próximas sessões, e, inclusivamente, procuraremos que as palestras sejam lidas por pessoas com boa dicção. Registaremos, com muito agrado, que os sócios que possuem boa voz para leitura de palestras nos ofereçam a sua colaboração. Nunca será demais frisar que o cine-clube cumprirá tanto melhor a sua missão, na medida em que todos trabalharem para isso...»

Vamos convidar algumas das individualidades mais cultas da nossa terra, para escreverem as palestras de apresentação dos filmes escolhidos para as nossas sessões.

«Sim, essa ideia é importante, e oxalá obtenham bom acolhimento. Mesmo essas pessoas têm assim um meio de desenvolver a sua cultura cinematográfica, que hoje é parte indispensável da cultura integral do individuo.

«Todos aqueles a quem competem funções de educadores devem colaborar com o nosso cine-clube. A mais importante de todas as Artes não é um simples entretenimento, mas uma escola de formação de caracteres, a que é preciso prestar a maior atenção.

As declarações de Sebastião Dias Santos Silva são palavras de um jovem que dá lições a muitos velhos. «A juventude é a levedura moral dos povos» — disse o grande pensador José Ingenieros e é nela que confiamos para, levar o nosso Algarve as melhores realizações culturais.

Vitoriano Rosa

SILHUETAS DO MEU TEMPO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

riedade afectiva, como num clã céltico, a unir entre si os habitantes do meu torrão nativo, sem menoscabo, porém, das jerarquias e dos haveres de cada um. Outras eras, menos buliçosas e exclusivistas do que a presente...

Em dias de espectáculo, lá girava pelas ruas o Rupia, com virtuosismos de «réus e rataplés» na caixa de rufo, acolitado pelo «Basbanca» ou pelo «mano Chico Manquinho», a distribuírem os aliantes programas do cine-teatro, e logo o terrunho se movimentava, — nomeadamente, nos bairros mais populares o «Mundo Novo» e a «Rua da Espanha» — em vaivéns de impaciência pela chegada tonitruante dos portadores de prospectos ilustrados. Os garotos assaltavam-nos, e havia «garata» por via de enriquecerem as suas colecções de estampas com a figura hipermusculosa do Maciste, ou com o audaz Tom Mix a saltar no «Malacara»; e o mulhierio, esse acorria às portas, na mira de provocar e ouvir as graçaças (por vezes, gordas...) do Rupia, para desenharem das mornaças da vida.

Como todos devem lembrar-se, era o nosso «intendente da higiene» um autêntico manancial de risada espontânea para quem o ouvisse na sua bizarra linguagem, pombalina de gema, porém recheada de aberrantes neologismos formados «ad hoc», e que ele despejava, de encurrada, com acompanhamento de abundante mimica, roncões interjectivos e contorções histrionicas em que arregalava o expressivo olho estrábico, excitando a hilaridade geral. Até a voz lhe adquiria ressonâncias e modulações, que davam ao sotaque raiano certo cunho de peculiarismo muito seu. Em resumo: se bem que moldado em traços caricaturais, o Rupia era um genuíno «tipo» villarrealense, hoje impossível de reproduzir.

Numa audiência em que ele era testemunha, ao pretender o patrono do acusado pulverizar o seu depoimento, que lhe abalava a tese defensiva, depois de intentar debalde confundir-lo com matreira rabulice da dialéctica forense, resolveu desmoralizá-lo chamando-lhe parlapatão. O nosso famoso Rupia insurgiu-se, indignado, e voltando-se para o causidico, esboça um esgar depreciativo e responde-lhe, chibante, no estilo arrebitado que usava nas ocasiões solenes: — «Bueno! Atão, vem um criaturo aqui ao turbinal perder um dia de jorna, para cantar as verdades, e ainda por cima é enxovalhado diante de tuti-

nho Municipal da Manta Rota às Cevadeiras, na freguesia de Vila Nova de Cacela, em construção.

■

Aprovar as contas de gerência da Câmara Municipal e da Zona de Turismo do ano de 1954, e julgar o tesoureiro quite com o Património Municipal.

ORUPIA

li-mundil... O só doutorácio, que vem ganhar uma mancha de contíveis de réis para torcer a justiça, diga-me lá: da gente os dois, qual será o parlapatível?...

— O distinto advogado foi o primeiro a ri-se, e desistiu da instância, mandando-o sentar-se, enquanto o publico gargalhava, de gosto.

Quando havia alguma autópsia judicial, fazia-se apelo à incrível fortaleza de estômago do Rupia para as tarefas mais árduas de auxiliar a dissecação dos corpos, às vezes em plena decomposição orgânica. Era ali que ele estava em seus quinze, colaborando na carnagem médico-legal com os clínicos locais, cujas observações ia comentando chistosamente, fornecendo a nota amena ao macabro labor, todo lisonjeado por ombrear, de bata branca, com doutores de leis e de medicina. Terminada a tarefa, passava pela Farmácia Moderna e dizia, com despreocupada suficiência: — «Já acabi o atópsa. Os médicos que me ajudaram» estão a desinfecar-se, mas eu cá não me importo essas esquisitices...» E lá seguia para casa, sempre impávido e imune ao entrepococo, no seu olímpico desprezo pelas vis bacterias, que ele diariamente tratava de tu. A seguir, abancava a jantar com a família, desprezando as minudências do atópsa à filha mais velha, a Hermengarda, a quem ele, por comodidade prosódica, chamava a sua Espengarda, e que também já abalou deste mundo, coitadita, legando cinco órfãos à Assistência Pública.

Pena é ser impossível referir aqui os inúmeros ditos e anedotas deste simpático espécime do tipismo fronteiriço Vou limitar-me, pois, a citar uma aventura que a tradição oral conservou como autêntica. Lamento não identificar as personagens, todas bem conhecidas, mas faço-o para evitar melindres, aliás injustificados. Existia, há mais de 40 anos, um afamado grupo dramático numa sociedade recreativa, junto à Avenida marginal. Do mesmo, faziam parte certas pessoas entre as mais categorizadas da vila, sendo algumas, até, elementos de real valia como amadores teatrais. O continuo do clube era o nosso decantado Rupia, então de meia idade, o qual tinha o sestro de ser achado sempre a dormir profundamente, quando os sócios precisavam dele. Numa noite de ensaio geral do «Fausto», entraram os associados e foram encontrar o nosso homem a fruir o sono dos justos, sem ter nada ainda pronto. Todos vinham já caracterizados e vestidos de suas casas, e sabendo que a soneca do servente era por hábito pesada, decidiram ali pregar-lhe partida memorável. Foi dito e feito! O que encarnava o «Mefistófeles» sacou da espada e logo propôs matá-lo, simbólica-

mente. Mandou buscar um pincel com vermelhão dos cenários e, na média-luz da sala, enquanto um deles aplicava umas pinceladas de tinta no rosto da «vítima», outro batia-lhe uma pancada no tóuço, ao mesmo tempo que o terceiro disparava uma pistola (para o ar, claro!).

O Rupia, desperto em sobresalto pela detonação, e ao ver diante de si, de espadim alçado, o mafarrico em pessoa, leva as mãos à cabeça dorida, crendo que sonhava, e eis que lhe vêm tintas de «sangue». Então, abala em correria louca, para a «baixamar», gritando aflito: — «Acudam, que o diabo me deu um tiro com a espada!»

E na carreira desordenada, pela noite escura, foi cair ao rio, mesmo defronte do clube. Ali é que foram elas, porque os cavaleiros da pirraça muito houveram de suar para que ele não morresse, mas a sério. Por fim, lá conseguiram pescá-lo, e tudo acabou a bem.

Ora se o demo já disparou uma tranca, porque não poderia disparar uma espada?!

Já lá dormem todos os protagonistas, há vários anos, na terra da verdade, e quem sabe se não recordam, com terna emoção, aqueles saudosos tempos da Vila Real antiga, quando todos — ricos e pobres — eram quase uma grande família, e o espirito gregário era tal, que as aflições ou a doença numa casa preocupavam, sincera e vivamente, a terra inteira...

Porque hoje... é como todos nós sabemos.

Fernando Moraes

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 30 do corrente, pelas 11 horas e no local — Rua Teófilo Braga, n.º 91, desta vila, — vão a praça os bens arrolados para a massa falida da Firma José Soares dos Santos Júnior, que se compõe de fazendas, artigos de fanqueiro e de retrosaria que serão entregues a quem mais oferecer acima do valor da avaliação e ainda de dívidas activas que serão cedidas a quem oferecer o seu valor real menos 20%.

Vila Real de Santo António, 18 de Abril de 1955.

- O Síndico, José Manuel Waddington de Matos Parreira
O Administrador, José Cândido Monteiro

PÁTRIAS

IRMÃS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

coberto e trazido ao seio da civilização; explorado palmo e palmo, para que dele brotasse a incomensurável riqueza que possui, o Brasil foi, durante alguns séculos, o mais perfeito expoente do valor do esforço ingente dum povo, que, como o português, nasceu para desbravar terras inóspitas e formar portentosos impérios. Foi, de principio, a obscura e maravilhosa obra dos missionários, trazendo para o convívio cristão milhares de seres, para quem era absolutamente desconhecida a palavra de Deus. Transformou-se, depois, na heróica avançada dos bandeirantes, a fim de tirarem das terras, preches de riquezas, os produtos duma intensa exploração agrícola e os recursos inesgotáveis das suas valiosas minas. Mais tarde, mais do que uma vulgar colónia, o Brasil atinge as características de autêntica metrópole, de tal forma que, ao ver-se ameaçado pela garra adunca da invasão, o poder central não hesita um instante, abrigando-se ao acolhedor reduto, que lhe permitia não capitular perante o inimigo. Então o prestígio da florescente colónia torna-se cada vez mais acentuado e a inevitável maturidade chega, trazendo consigo a consequente emancipação.

Nem por isso a jovem nação, colónia da véspera, se divorcia da pátria que lhe fora berço e, pelo contrário, o entendimento entre as duas metrópoles torna-se mais e mais perfeito, mais e mais fortes os laços de fraterna estima que os unem, passando o Brasil a ser, no Mundo, uma perene projecção do Portugal batalhador e navegante, que descobrira novos mundos e construiu novas nacionalidades. É esta inquebrantável amizade, que se exterioriza nos mesmos sentimentos e se traduz na mesma lusiada linguagem, que atinge um ponto culminante na presente visita do eminente Magistrado do Brasil, que ora retribui a que, há mais de duas décadas, um Chefe de Estado português fizera ao país irmão.

E porque Portugal e Brasil são, podemos dizê-lo, duas nações numa só alma comum, dois povos estreitados no mesmo atlântico abraço, o momento que passa é de mútuo e intenso gozejo, pois cimenta, indelévelmente, a amizade de dois povos, que, decerto, terão, ainda, um glorioso caminho a percorrer, sempre de mãos dadas, na história do Mundo.

Matheus de Macedo

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

Foto-Zinco TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRVURA E DESENHO

Este Cine-Clube exhibe, no próximo dia 26, no Cine-Foz, a película A importância de se chamar Ernesto.